

# DIÁLOGOS MULTIESPÉCIES ATRAVÉS DA LENTE: FOTOGRAFIA, PAISAGEM E COEXISTÊNCIA NA RESERVA NATURAL DA ROLINHA DO PLANALTO<sup>1</sup>

Leonardo Bruno Barbosa, UFJF/MG

Palavras-Chave: Fotografia de Aves; Passarilhar; Botumirim

## INTRODUÇÃO

Certa vez, uma amiga artista e fotógrafa comentou que “fotografar é uma forma de engajar-se com o território”. Ela não elaborou mais sobre o assunto, e eu, na ocasião, não indaguei ou prolonguei a conversa. Contudo, essa frase frequentemente ressurgia em meus pensamentos, insinuando-se como uma questão intrigante, ou como se, a partir dela, eu me colocasse a refletir sobre minhas próprias experiências como um caminhante-fotógrafo. Não obstante, não explorei o assunto com maior profundidade, sendo, somente agora, impulsionado pelo doutorado, a perscrutar essa ideia de forma mais incisiva e consciente.

Nos últimos anos, meu interesse voltou-se para estudos da fotografia e sua prática, considerando o conjunto de relações que se constroem a partir dela – fotógrafo, fotografado, ambiente, técnica, entre outros –, especialmente vistos sob a lente de uma teoria antropológica que aborda o desenvolvimento do conhecimento a partir de “caminhos de vida” e as questões que se desdobram dessa perspectiva (INGOLD, 2015; LATOUR, 2012). Esses estudos estenderam-se e se concentraram, nos últimos tempos, na interação entre fotógrafos de aves, animais fotografados, seu entorno, tecnologias e relações multiespécies constituídas a partir dessa prática (HARAWAY, 2022; DESPRET, 2022).

Para seu desenvolvimento, o trabalho de campo tem sido realizado no município de Botumirim, em Minas Gerais, onde acompanho Manoel Freitas – jornalista, fotógrafo e guia de observadores de aves – em sua jornada e experiência na observação e fotografia de aves nessa região, prática conhecida também como “passarilhar”. O tema específico do “passarilhar” – que envolve caminhar ao ar livre com a intenção de observar e potencialmente identificar e registrar pássaros e outras aves – surgiu como objeto de estudo de maneira inesperada. Minha ida a Botumirim, cujo objetivo inicial era conhecer pessoalmente Manoel Freitas e sua prática com a fotografia de paisagens, natureza,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

retratos, entre outros, nesta área sertaneja do estado, acabou por enveredar-se por outro caminho surpreendente: o vasto acervo do fotógrafo retratando variados aspectos da vida nos locais por onde passa elucidou-me um tema que se destacou diante dos demais: o ato de passarinhar e a fotografia de aves. A isso, cabe uma nota, que desenvolverei no próximo parágrafo.

Botumirim foi cenário de um marco significativo para a ornitologia brasileira recente: a redescoberta, em 2015, de representantes da espécie *Columbina cyanopis*, popularmente conhecida como Rolinha-do-planalto, pelo ornitólogo Rafael Bessa. Durante uma expedição no cerrado da região, Bessa, que também é consultor ambiental, encontrou essa rara ave em meio a uma paisagem de notável beleza. Em entrevista ao Estadão, em 2016, ele relata que foi atraído por um canto desconhecido enquanto admirava a vista. Após registrar a localização onde escutou o som, Bessa retornou na manhã seguinte nesse mesmo lugar, com o objetivo de identificar e documentar o animal responsável pelo canto inédito:

Na manhã seguinte, voltei ao lugar e consegui gravar essa vocalização com meu microfone. Reproduzi o som e a ave veio em minha direção, pousando em um arbusto no meio da florada. Fotografei o animal e, quando olhei a foto com atenção, no visor da câmera, vi que tinha registrado algo incomum. Minhas pernas começaram a tremer! (CASTRO, 2016)

Bessa capturou acidentalmente a primeira imagem conhecida da Rolinha-do-planalto, uma espécie até então documentada apenas por espécimes conservados em museus. Observada pouquíssimas vezes, essa espécie teve o último registro comprovado em 1941 e já era considerada extinta por muitos especialistas antes do feito de Rafael. Após a confirmação da identidade do animal, reconheceu-se a importância do achado, constituindo-se uma equipe de pesquisa com mais especialistas e, com o apoio da ONG SAVE Brasil, começou-se a trabalhar na conservação da ave. Para isso, desenvolveu-se um plano para proteger a espécie a longo prazo, mantendo a localização do registro confidencial até a efetiva implementação do plano, que ocorreu com a criação da Reserva Natural da Rolinha do Planalto (RNRP), em 2018, na categoria de uma RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) segundo a classificação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A redescoberta da Rolinha-do-planalto, aliada à presença de outras aves raras e à rica biodiversidade da área, situou a região de Botumirim no mapa como um dos destinos mais procurados para o turismo de observação de aves no Brasil, aumentando o número

de fotógrafos de aves que passaram a frequentar a região. Esses fotógrafos, profissionais ou amadores, são atraídos também pela vasta diversidade de mais de 390 espécies de aves distintas, muitas delas endêmicas, conforme catalogado pela plataforma Wiki Aves<sup>2</sup>.

Após ser redescoberta, a Rolinha-do-planalto foi aclamada como símbolo da cidade, com sua imagem amplamente divulgada, tornando-se um patrimônio local, ilustrando carros da prefeitura e mercadorias locais, como toalhas bordadas e panos de prato. Também aparece em um vídeo institucional do hino municipal divulgado pelo site da prefeitura. Na pousada onde me hospedei, um objeto que segurava a porta, embora não muito fiel à realidade, tentava representá-la. Assim, mesmo aqueles que nunca a viram reconhecem-na por suas imagens corriqueiras espalhadas pela cidade.



Foto 1: Veículo da Prefeitura de Botumirim, adesivado com fotografia de um casal de Rolinha-do-planalto. Fonte: arquivos do pesquisador.

Nesse contexto, o estudo buscou contribuir para ampliar a compreensão dos modos como interagimos e coexistimos com outras formas de vida, destacando a importância das sabedorias práticas e sensíveis na observação, identificação e, principalmente, na fotografia de aves.

---

<sup>2</sup> <https://www.wikiaves.com.br/>

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DO ‘PASSARINHAR’

As relações entre pássaros e seres humanos abrangem um amplo espectro. Por muito tempo, e ainda hoje, a prática de caçar passarinhos é comum. Nascido e criado no interior mineiro, vi muitas crianças brincarem de matar passarinhos com estilingue. Em quase todas as casas havia uma ou mais gaiolas onde se exibiam pássaros, entre os quais Canarinhos (*Sicalis flaveola*). Também se viam papagaios presos por correntes atadas a varas suspensas nas paredes e treinados a contar piadas curtas, a falar palavrões ou a cantar trechos de hinos de futebol. Os Trinca-ferros (*Saltator similis*) eram desejados, porém mais caros e difíceis de se obterem. A Rolinha conhecida como Rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*), era mais comum e caçada por crianças (e adultos) com estilingues (ou bodoques) para servirem de alimento.

Na casa de meu tio, havia uma arapuca feita de hastes de madeira finas, compridas e entrelaçadas, de cujo formato me lembro detalhadamente: assemelhava-se a uma pirâmide do Egito em miniatura. Meu primo orgulhava-se de ser um caçador exímio, herança de seu pai. Já os Pombos eram indesejados por transmitirem doenças, razão pela qual outro tio que morava na roça dedicava cerca de três dias por ano para abater, com sua espingarda, pombos do quintal, argumentando ser “Quase como um controle populacional!”. Bem explicado e justificado para livrar-se dos que já despontavam como sensíveis à causa animal. Isso era nas décadas de 1980 e 1990, nos campos da Zona da Mata Mineira.

Alguns pássaros poderiam “dar azar”, se fossem vistos. A Coruja transmitia inteligência; o Tucano, com seu bico amarelo vivo, anunciava felicidade quando surgia no céu. No entanto meu pai não gostava, porque eles comiam as bananas do sítio ainda verdes.

Todas essas mediações dos pássaros na nossa vida parecem assumir lugar de importância nesses e em outros contextos culturais. Em artigo publicado na revista “Teoria e Cultura”, Pissolato e Junior (2016) descrevem formas de interação e modos de conhecimento entre pássaros e pessoas Guarani. Realizada em três aldeias dessa etnia, a pesquisa, que aborda aspectos etnográficos e etnoornitológicos, sugere que os Guarani, a partir de detalhada observação das espécies em seus ambientes e de percepção e sabedoria quanto à capacidade comunicativa das aves, conseguiram desenvolver uma gama de conhecimentos não apenas sobre os traços físicos e comportamentais dos pássaros – saber sobre os pássaros –, mas também seu significado a partir da cosmovisão guarani – saber

com os pássaros. Estes são retratados como mediadores entre humanos e o divino ou sobrenatural, com seus cantos interpretados como mensagens de orientação e intuição sobre o curso da vida da pessoa guarani (PISSOLATO; JÚNIOR, 2016).

Nessa longa história de relação entre homens e pássaros, surge, em meados do século XIX, acompanhando o próprio movimento do mundo moderno ocidental, uma prática até então restrita aos arredores de Londres, na Inglaterra, conhecida como *Birdwatching*, ou *Birding* (“Passarinhar”, em português). A prática, na época, consistia em sair caçando aves com espingardas a tiracolo, com o propósito de abatê-las. No Brasil, tornaram-se conhecidos os desenhos animados com representações desse personagem caçador de aves: geralmente um patriarca, com roupas e botas fechadas e determinação na mira, como nos episódios do “Pica-Pau”.

O “passarinhar” atualmente remete mais à prática de observação, identificação e registro fotográfico das aves. Penso que, por estarem tão imbricadas, as três juntas podem ser classificadas como um dispositivo no sentido foucaultiano: prática observar-identificar-registrar aves. A ela associam-se outros fluxos que compõem o que pode ser denominado de: a malha tecida na conjuntura do passarinhar (INGOLD, 2015).

Que elementos são agregados nesse conjunto de fios entrelaçados? Existem os dispositivos tecnológicos que apoiam, reforçam ou constroem parte do que se convencionou denominar “passarinhar”: binóculo (quase que obrigatório); câmera fotográfica com uma ou mais lentes (embora não obrigatória, extremamente utilizada); bastão de laser (utilizado, quando se está em grupo, para apontar o pássaro na mata); roupas adequadas; caneleiras de proteção individual; caixa de som (não obrigatória, mas muito utilizada para a técnica do playback; celular (com Bluetooth, aplicativo de aves, baterias com carga suficiente para manter esses eletrônicos). Como se vê, celular com aplicativo, com Bluetooth e a caixa de som já caracterizam o passarinho como um legítimo ciborgue (HARAWAY, 2020).

No entanto, é preciso especificar também a que tipo de passarinhar estou referindo-me neste trabalho. O *birdwatching*, o passarinhar, ou a observação de aves, não é uma prática estabelecida com critérios iguais entre os que dela usufruem. Melhor dizendo, existem inúmeras maneiras de se estar no ambiente, passarinhando. Obviamente essas distinções dependem de contextos culturais, acesso a tecnologias, tipos de ambientes visitados com suas diferentes vegetações, entre outros.

Tudo isso pode variar os modos pelos quais as pessoas passarinham, tornando a prática um mosaico caleidoscópico com inúmeras faces, das quais este estudo busca

descrever apenas uma que ajuda (porém não limita) a compor um dos lados desse poliedro. A prática é marcada pelo “modo passarinho” articulado nos três verbos principais, conforme já apresentei como um dispositivo – observar, identificar e fotografar –, sendo o mais relevante para o presente estudo compreender essas ações imbricadas, focando no ato de fotografar, e o que isso nos revela como modos de conhecer e de relacionarmos-nos com outras espécies. Nossa hipótese é de que esse engajamento prático com o ato fotográfico no contexto vivido por Manoel traz implicações estéticas, éticas e epistemológicas. Em outras palavras, esse engajamento proporciona a emergência de outro modo de percepção, de novas sensibilidades, porque conecta o sujeito com o que Haraway (2022) denominou como “a alteridade extrema”.

Praticar o “passarinho” envolve aprimoramento da escuta, da visão e da agilidade, em que percepção e ação integram-se para acompanhar os modos de habitar e mover-se agilmente pelos quais os pássaros se estabelecem em seus territórios (DESPRET, 2022). Essa atividade demanda também aprofundada compreensão técnica da fotografia, incluindo uso de lentes macro e habilidade para manusear o sistema de foco manual, além de detalhado conhecimento sobre o comportamento animal. O contínuo engajamento com o meio ambiente a partir dessa prática fortalece a conexão com a natureza, aprimorando nossa compreensão do mundo ao nosso redor, especialmente nessa “zona de contato” (HARAWAY, 2022) que se forma entre o fotógrafo-observador e o pássaro.

Nesta pesquisa, estar na zona de contato acompanhando o fotógrafo Manoel tem proporcionado discussões relacionadas à dualidade entre o háptico e o óptico, conforme explorado por Deleuze e Guattari (2012), e como essa dualidade manifesta-se nessa prática fotográfica. A fotografia de aves, nesse sentido, além de ser um ato óptico de captura de imagens, é uma experiência háptica de estar no mundo, um modo de conhecer pela imersão e pelo envolvimento sensorial com o ambiente e suas espécies habitantes. Somando-se a isso, como alerta Eva Hayward (2010), em seus estudos sobre as relações entre pesquisadores e corais, esse ‘toque visual’ da câmera com criaturas marinhas é mediado por múltiplas superfícies e propagações – o ar, a água, o vidro, as ondas de luz, entre outros meios – por meio dos quais ocorre um tipo de união entre o háptico e o óptico, entre a câmera e seu alvo visual. Ao abordar o contato visual e tátil durante o registro dos corais pelos pesquisadores, Eva cria o conceito de *fingery eyes*, termo traduzido como “dedolhos”, na edição brasileira do livro de Haraway (2022). A essa aproximação do tátil e do visual, eu incluo a audição como parte das reflexões sobre novos agenciamentos e sensibilidades que se produzem a partir desta prática fotográfica: “o olho fica tentando

acompanhar o som, mas nem sempre é possível acertar o compasso dos dois” (Manoel Freitas).

Nesse jogo, enquanto para algumas pessoas basta observar e identificar aves, para outras, interessa-lhes a abordagem mais voltada ao registro visual, como se colecionassem imagens de pássaros no seu grande “álbum particular de figurinhas da ornitologia”, buscando acumular extensa lista de espécies avistadas e registradas na natureza, valorizando sobremaneira seu *lifer* (*Life List*). Enfim, quanto maior e mais rara a lista por ele constituída, mais reconhecimento obtém da comunidade de observação de aves.

Na plataforma Wiki Aves – desenvolvida para fornecer informações sobre aves brasileiras e onde são encontradas –, passarinhos conhecidos em todo o Brasil podem postar/publicar suas fotografias, compartilhando seus *lifers*. A lista de cada membro da comunidade virtual, ao ser somada com a dos demais membros, gera um ranking de destaque entre os melhores municípios para a prática da observação de aves. Como Manoel conseguiu organizar e compartilhar grande número de fotografias de aves, contribuiu para elevar a posição de Botumirim na plataforma Wiki Aves. Como se pode perceber, o passarinhar é uma prática que extrapola a observação, identificação e registro de aves, perpassando também o universo do mundo digital e das relações virtuais que se estabelecem nesses tipos de plataformas criadas restritamente para acolher dados de pássaros e demais aves coletadas de forma difusa por uma crescente população de passarinhos no Brasil.

Nesse contexto, o passarinhar assemelha-se a um jogo (ou sequência de ações) que dinamiza e transforma posições, relações e discursos, de modo que o conjunto de elementos dessa atividade é o que constitui o dispositivo. Este engloba não só observação, identificação e fotografia de aves, mas também interações sociais, práticas e discursos decorrentes. Ele molda e é modelado por normas, valores e saberes da comunidade de observadores e fotógrafos, influenciando como se organizam, interagem e compartilham conhecimento. Simultaneamente, ao criar conhecimento, esse conhecimento define e estrutura os padrões que caracterizam o dispositivo (FOULCAULT, 1996).

## MAPEANDO AVES, LUGARES E HISTÓRIAS NA RESERVA NATURAL DA ROLINHA DO PLANALTO E PROXIMIDADES

A prática da observação e da fotografia de aves é uma atividade que geralmente começa bem cedo: por volta das quatro e meia da manhã, já estávamos de pé, tomando café e preparando-nos para a jornada do dia. Durante o tempo em que acompanhei Manoel em seus “dias de campo”, saíamos por volta das cinco ou cinco e meia da manhã em busca de alguns registros de aves. Nesses dias, o interesse dele era mostrar-me o território e as principais atrações da região em termos de aves raras e endêmicas.

No artigo “Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”, Anna Tsing (2015), ao falar sobre paisagens multiespécies como protagonistas de histórias do mundo, no contexto dos fungos e cogumelos, discorre sobre produção de “lugares familiares” na paisagem, os quais consistem em locais que, de tanto serem visitados, tornam-se mais próximos e mais conhecidos: “Você visita aquele ponto o suficiente para conhecer as flores de cada estação e a atividade dos animais; você produziu um lugar familiar na paisagem. Lugares familiares são o início da apreciação das interações multiespécies” (TSING, 2015, p. 181). É, pois, possível dizer, que vários desses lugares são familiares a Manoel para o desenvolvimento de sua prática.

Existem pequenas poças d’água onde vivem certos pássaros específicos e algumas delas tornam-se também lugares familiares. O fotógrafo contou-me sobre um guia de observação de aves que vinha de outra cidade e sempre ia a um desses lugares levando turistas de outras regiões e até de outros países. Ninguém em Botumirim sabia que pássaro o guia observava com seus clientes naquele lugar, tampouco ele revelava, até que um dia Manoel foi ao local e, pacientemente, investigou a região, descobrindo que a ave em questão era o Cara-dourada (*Phylloscartes roquettei*). A partir daí, começou a visitar o local com mais frequência, levando consigo seus próprios clientes.

Nessa lógica dos lugares familiares, durante nossas caminhadas pelo campo, Manoel frequentemente parava em pontos específicos e comentava sobre a presença de determinado pássaro em cada área. Ele explicava que, se o chamássemos, ele certamente apareceria, o que aconteceu com o conhecido Tem-farinha-aí (*Myrmorchilus strigilatus*). Em uma ocasião, ao pararmos o carro ao pé de uma colina, o pássaro anunciado por Manoel como residente local logo surgiu, seguindo-se várias situações semelhantes ao longo de nossa jornada, ao que o fotógrafo explicou: “tudo já está mapeado”. À medida



que caminhávamos, ele narrava as associações entre espécies de pássaros e seus respectivos lugares.

Aqui tem uns bichos que só tem aqui... aqui as canelas de ema, tá vendo? Aí tem um bicho aqui que chama Batuqueiro [*Saltatricula atricollis*], outro que chama Bandoleta [*Cypsnagra hirundinacea*], e aqui também tem o Papa-formiga-vermelho [*Formicivora rufa*], aqui. Aí nós vamos escutar aqui no caminho, o Formigueiro-de-barriga-preta [*Formicivora melanogaster*], e tem o mais difícil, que é o Formigueiro-do-nordeste, que você viu ontem [...]. Então são os Papa-formigas. Você tem os Limpa-folhas e tem os Papa-moscas. Então eu fotografei em Botumirim, o Miudinho, que é um dos menores Papa-moscas do Brasil. Não tinha nada perto, assim, Norte de Minas, Jequitinhonha. Só tinha ele em outros lugares. Aí eu fui lá nesse Recanto das Aves. Aí eu tava com um grupo e começou a chover, só ficou eu e um outro cara. Mas o cara já tinha o bicho de outra cidade e não quis fazer a foto. Aí eu fui e falei com o Gleidson e nós voltamos lá no outro dia. Aí ele falou comigo: ‘– e onde você viu?’. Aí na hora que eu aponte o dedo pra mostrar pra ele, o Papa-moscas tava no mesmo lugar. No mesmo lugar moço!

Em meio a esse mapeamento, Manoel também me narra outras formas de classificações dos pássaros, seja pelo território em que vivem, seja por outro aspecto marcante. Ele desenvolve uma classificação que relaciona o animal ao habitat a partir de associações e distinções: “bicho de brenha”, “bicho de montanha”, “bicho da beirada de lago”, “bicho das veredas”, “bicho de campo limpo”, entre outros. Além disso, cabe comentar que cada habitat requer uma abordagem diferente quanto à técnica fotográfica, inclusive no que diz respeito ao tipo de equipamento utilizado em cada ambiente.

Além das classificações por habitat, outro tipo comum de classificação é quanto à distribuição geográfica: quanto menor essa distribuição, mais procurado é o pássaro, sendo considerado um “bicho raro”. Um exemplo de bicho raro em Botumirim, como já dito, é o Beija-flor-de-gravata-verde. Segundo Manoel, ele já ocupou a posição de pássaro mais raro de Botumirim, mas perdeu esse posto para a Rolinha-do-planalto, depois de sua descoberta. No entanto, além da raridade, há também a classificação relacionada ao grau de dificuldade de se encontrar o pássaro na natureza – “bicho fantasma” –, que não se apresenta com facilidade, é arisco e vive escondido, como é o caso do Torom-do-nordeste: mesmo ouvindo sua vocalização, é difícil enxergá-lo na mata.

A fotografia ganha valor diferenciado de acordo com as combinações classificatórias do pássaro fotografado. Nesse caso, se o pássaro é considerado fantasma e ainda é raro, seu registro “vale ouro”. Na lógica do passarinho em Botumirim, mesmo que a Rolinha-do-planalto seja o pássaro mais raro do local, e um dos mais raros do mundo, ela não é um bicho fantasma, como o Torom ou o Formigueiro-do-nordeste, já

que ela pode ser facilmente fotografada por quem visita a RNRP. O valor de registro da Rolinha-do-planalto, portanto, não terá o mesmo peso comparado aos fantasmas-raros, que são “joias aladas”, tomando emprestado o termo do passarinho paulista Roberto Negraes (NEGRAES, 2019). Tudo isso se relaciona com os graus de dificuldade de se obter o registro do animal: quanto maior o nível de dificuldade, mais valioso se torna o seu registro.

Existem também formas de classificação quanto às aves migratórias que cruzam a região. Manoel descreveu algumas situações específicas que acabam por criar subcategorias na classificação dessas aves: as aves vagantes, por exemplo, seriam variações de uma ave migratória que, por alguma razão, interrompeu seu processo migratório em determinado lugar, seja porque se perdeu do bando, seja porque está com algum problema de saúde. Na região de Botumirim, ele relatou duas aves encontradas e classificadas como vagantes:

Por exemplo, aqui em Grão Mogol, um amigo meu fotografou o Trinta-reis-ártico, que é uma ave costeira. Nós temos aqui o Trinta-reis-grande. Lá na vereda que nós vamos depois, o lugar mais longe que nós vamos é nessa vereda, tem uma nascente... tem dois registros visuais de um bicho que é litorâneo, que é a Narceja-de-bico-torto.

Há também as aves mutantes, com alguma característica que foge à regra, seja na coloração das penas, seja no formato ou na posição de alguma mancha característica da espécie. Manoel relata que, às vezes, o registro dessas aves “*vale mais do que o de um bicho raro*”.

Essas classificações, tipologias e relações de valores e hierarquias, muitas vezes aparentemente criadas pela própria experiência do fotógrafo no território, são sugeridas e reforçadas pelo uso e pela própria linguagem interna dos aplicativos especializados em observação de aves ou pelas próprias redes sociais de compartilhamento de imagens e áudios de pássaros. Sobre esse aspecto, vale uma relevante observação: Manoel utiliza esses aplicativos de forma recorrente para ajudá-lo a identificar determinado pássaro que encontrou no caminho e registrou. No entanto, às vezes, o nome popular de um pássaro fornecido pelo aplicativo não coincide com o nome popular usado por ele – o que é normal, razão pela qual existem os nomes científicos. Nesses casos, ele prefere chamar o pássaro pelo nome com o qual já está acostumado.

Outro fato relevante sobre os processos de mapeamento, identificação e classificação dos pássaros da região é que há, como se sabe, poucos indivíduos da espécie Rolinha-do-planalto, sendo, no total, cerca de quinze indivíduos que vivem em

Botumirim. Ou seja, todos são muito bem conhecidos, nomeados de maneira particular e com seus “endereços” decorados e monitorados. Entre as Rolinhas-do-planalto do território, pelos menos dois machos – Benjamin e Solteirão – moram na RNRP: vivem próximos, mas em territórios distintos, separados por uma estrada de chão que corta a reserva: Benjamin vive de um lado da estrada, e Solteirão vive do outro. Essas rolinhas têm relacionamento mais próximo com os fotógrafos, sendo, por isso, mais conhecidas e menos ariscas, se comparadas com outras rolinhas moradoras do Parque Estadual de Botumirim (PEB), que vivem de forma mais isolada.

Pelo que me contaram, Solteirão sempre foi solteiro, mas Benjamin tinha uma companheira que desapareceu no final de 2023, sem se saber ao certo o que aconteceu com ela. Isso gerou especulações, segundo Manoel, entre os guias e os moradores da cidade sobre a causa de seu desaparecimento: se foi morte ou se foi sumiço. No primeiro caso, qual teria sido o motivo: atropelamento ou morte por idade? Esse fato levantou especulações que ainda não foram esclarecidas e talvez nunca sejam.

Segundo Gleidson, amigo de Manoel e funcionário da ONG SAVE Brasil, Benjamin e sua companheira eram sempre vistos juntos e rendiam fotos muito interessantes. Ao lembrar esse casal, ele comenta com nostalgia: “[...] *quando aqui tinha o casalzinho, nossa! Era show de bola! Quando tinha o casalzinho era show! Quem fez foto do casal aqui, fez, quem não fez, não faz mais*”. Entre os guias locais, a partir do desaparecimento da fêmea, nasceu um sentimento de que “as rolinhas estão acabando” ou que “podem acabar a qualquer momento”, devido ao fato de elas estarem criticamente ameaçadas de extinção, segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Parece que Manoel e seu amigo têm um cálculo matemático segundo o qual, a cada rolinha desaparecida, decresce o sentimento de esperança na perpetuação dessa espécie ao longo do tempo. Na economia de Botumirim, a existência da Rolinha-do-planalto em seus limites territoriais tem garantido o desenvolvimento turístico local com fluxo de visitantes anuais, razão pela qual a possibilidade de sua extinção gera preocupação.

Concentrando-nos na história do indivíduo, e não só na categoria taxonômica à qual pertence, ou seja, chamando o animal por um nome dado pelas pessoas que com ele interagem, ele passa a ser um habitante mais “humanizado”, se assim posso dizer, mais familiar, do que aqueles que não têm essa forma de relação mais próxima com os humanos. Gleidson e Manoel sabem quem é o Benjamin e quem é o Solteirão apenas pelo canto, uma vez que um canta mais lentamente que o outro. Além disso, como Benjamin

foi muito mais fotografado quando vivia com sua companheira do que Solteirão, ele está ainda mais acostumado com a aproximação de fotógrafos. Tudo isso demonstra que as pessoas da região, relacionadas ao universo das aves, reconhecem individualmente quem é quem e passam a discernir esses indivíduos por causa de suas características particulares e de suas histórias de vida – “*Benjamin é viúvo*”.

Essa situação de nomear as rolinhas com nomes particulares também estende-se para outros elementos do ambiente onde vivem esses bichos. O fotógrafo de aves Gustavo Soares de Oliveira, que produziu uma das imagens mais divulgadas dessa espécie em diversos materiais, devido à bela composição e ao detalhamento fino das cores, teve seu nome atribuído ao galho onde essas rolinhas estavam quando ele capturou as imagens. Hoje, entre os guias de observadores de aves da cidade, o galho é conhecido como “*galho do Gustavo*”.



Foto 2: Benjamin e sua antiga companheira empoleirados no “galho do Gustavo”. Foto de Gustavo Soares de Oliveira, 25/11/2021.

Fonte: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

Segundo Manoel e seu colega Gleidson, o “*galho do Gustavo*” destaca-se como um local privilegiado para fazer fotografias da Rolinha-do-planalto, reunindo importantes características que garantem um bom registro: está na altura do nosso olhar, com um fundo de serra atrás dele, e quase sempre com boa iluminação. Ter a serra ao fundo garante

livrar-se do “desassossego que é a contraluz”, tão recorrente na prática da fotografia de aves, que exige virar a objetiva da câmera para o céu, em várias ocasiões. A condição ideal para a produção da imagem é fator determinante para o resultado: *“Agora o ideal, Léo, o bicho aqui, qualquer bicho que pousar aqui agora – você tem a mata, a serra de fundo – então o foco fica mais fácil, você vê todas as cores do bicho, você vai ver tudo aqui. Se pousar aqui, é fotão!”*.

A Rolinha-do-planalto tem detalhes em cor azul, como a cor dos olhos e manchas nas penas de suas asas, que são mais visíveis em imagens fotográficas com iluminação adequada, frontal, características estas que o fotógrafo Gustavo conseguiu revelar em suas imagens naquele galho específico. Por isso, em mais de uma situação, Manoel ou o amigo Gleidson valorizavam que “fulano de tal” ou “sicrano”, quando foi fotografar a Rolinha, deu sorte porque ela estava empoleirada no “galho do Gustavo”.

Em outra situação, Manoel relatou que um dos pássaros conhecido como Toromdo-nordeste (ou Pompeu) – uma espécie endêmica da região do norte de Minas e da Bahia – canta variando uma nota musical em comparação ao canto tradicional de sua própria espécie. No dia em que fomos buscar o registro dessa ave específica, pude acompanhar e perceber a variação dessa nota musical. Segue um relato de campo no qual eu descrevo essa habilidade em perceber essas sutis variações:

Vale uma pausa para descrever que o som do playback e o som do pássaro realmente variava em uma nota musical. No começo, não era tão perceptível como se tornou a partir da intimidade que criamos com o pássaro de nossa observação. Após algum tempo, essa nota variada entre um e outro era grande demais, perceptível demais, como se demarcasse claramente, mesmo para um sujeito que se aventurava pela primeira vez nessa prática, como foi o meu caso, quem era quem: o som de playback ou o canto do pássaro.

Todos esses relatos sugerem o conhecimento sobre o indivíduo, e não apenas sobre a espécie do indivíduo. Diferentemente do sujeito que observa aves em diferentes regiões, passando em muitos lugares por pouco tempo em cada estação, Manoel escolheu um local específico para o desenvolvimento de sua prática. Convive de maneira mais próxima com as aves da região, criando lugares familiares. Algumas delas, como narrei anteriormente, passam a ter nome, passam a ser vistas como indivíduos, admitindo diferença no padrão de comportamento da sua espécie.

Sussekind (2017), em seu estudo sobre pesquisas com onças pintadas do Pantanal, observa que, em geral, a tendência dos estudos científicos é focar nos traços gerais que conectam os indivíduos ao coletivo, e não às particularidades. No entanto, sua intenção

foi oferecer contrapontos a essa tendência, seguindo trajetórias de alguns indivíduos desviantes que revelaram capacidades inusitadas ou comportamentos inesperados, desafiando, assim, a interpretação convencional dos padrões de comportamento da espécie em seu ambiente específico (SUSSEKIND, 2017, p. 64). De certa forma, quando se estabelece contato próximo com o território e seus habitantes, como no caso do Manoel e os pássaros, essa questão parece colocar-se de maneira recorrente. A observação de comportamentos inusitados foi valorizada e comentada em diversas ocasiões nas quais estive caminhando com Manoel, como nessa passagem em que ele resalta um coro de pintassilgos em uma única árvore como situação que não é tão comum de se ver.

Manoel: Agora eu tenho que contar a mentira perto de Gleidson pra você acreditar: uma vez... uma vez, nós escutamos dezenas e dezenas de Pintassilgos, não foi Glei?

Gleidson: Foi.

Manoel: Dezenas e dezenas. Um bando parado. Numa... nem palavra vem pra ajudar.

Gleidson: Tudo junto vocalizando, não é?

Manoel: Tudo junto, ao mesmo tempo. Um coro de Pintassilgo. Oh, se eu tiver exagerando, pode falar Glei, tinha uns cinquenta, não tinha Glei?

Gleidson: Tinha bastante.

Manoel: Tinha uns cinquenta. É difícil saber por que cinquenta indivíduos iam ficar numa árvore cantando, sem parar. Um bicho bonito daquele, neh? Vulnerável, por causa da situação do tráfico de animais, não é? É um bicho que canta muito bonito.

A descrição de Manoel sobre um “coro de pintassilgo” envolvendo cerca de cinquenta indivíduos vocalizando simultaneamente destaca uma situação que, aos seus olhos, desvia-se de uma conduta padrão esperada desses animais porque ela os vulnerabiliza. Nesse sentido, observar aves é contar suas histórias em seus próprios ambientes, e elas podem divergir das descrições dos padrões da espécie. Elas são contadas de modo mais próximo daquilo que Deleuze e Guatarri (2012) denominaram “devir-animal”, sendo o animal visto como um “acontecimento”, e não como membro de um sistema classificatório. Tudo isso nos leva à reflexão de Ingold (2015) a respeito de como “as coisas” são percebidas no mundo vivido: “[...] as coisas não são classificadas como fatos, ou tabuladas como dados, mas narradas como histórias. E todos os lugares, como um conjunto de coisas, é um nó de histórias” (INGOLD, 2015, p. 227).

Mas na trajetória do passarinho Manoel, essas questões entre classificações e devires parecem colocar-se de modo relacional: se, por um lado, ele convive com as histórias particulares de cada pássaro, por outro, busca a legitimidade das classificações do “mundo da ciência” para identificar, catalogar e compor sua própria história no

universo do passarinhar e da comunidade virtual de passarinheiros. Não há exclusões; apenas lugares de conhecimentos específicos e complementares da vivência e da experiência relacionadas à sua prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise dessa prática fotográfica em Botumirim, argumento que a fotografia de aves pode ser ferramenta de engajamento e de construção de novos conhecimentos, de modo que as imagens capturadas, para além de servirem como documentação, tornam-se pontes para entendimento mais profundo das interconexões entre seres humanos, outras espécies e o ambiente, incentivando a reflexão sobre coexistência, conservação e políticas multiespécies que emergem dessas relações.

No contexto em questão, a prática do passarinhar transcende a observação e o registro de aves, integrando-se a um meio onde a interação entre humanos e aves revela complexas teias de relações multiespécies. A fotografia atua como uma mediadora dessas relações, permitindo que os observadores capturem não apenas imagens, mas também experiências e aprimoramento de habilidades sensoriais e afetivas que contribuem para um conhecimento mais profundo do ambiente e das espécies que nele habitam. Este processo reflexivo e participativo é essencial para a construção de políticas de conservação mais eficazes e sensíveis às realidades locais.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CASTRO, F. **Redescoberta espécie de ave rara do cerrado desaparecida há 75 anos.** Estadão – Ciência – São Paulo, 21 de maio de 2016.

CRUZ, L. **Fotógrafo mineiro registra 2,5 mil aves no Norte do estado e Vale do Jequitinhonha.** Estado de Minas, 24 de março de 2015. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/03/24/interna\\_gerais,630631/fotografo-mineiro-registra-2-5-mil-aves-em-matas-do-norte-do-estado-e.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/03/24/interna_gerais,630631/fotografo-mineiro-registra-2-5-mil-aves-em-matas-do-norte-do-estado-e.shtml). Acesso em: 18/12/2023

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, Vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo, Editora 34, 2012 (2ª Edição).

DESPRET; V. **Habitar como un pájaro: modos de hacer y de pensar los territorios.** Ciudad, 1ª Ed.: Cactus, 2022. (Traducción de: Sebastián Puentes)

FOULCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Editora Graal, 1996.

HARAWAY, D. **Quando as espécies se encontram.** Ubu Editora, 2022. Edição do Kindle.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Tradução Fábio Creder. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LATOUR, B. **Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência.** In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Org.). *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência.* Porto: Afrontamento, 2007. p. 40-61.

NEGRAES, R. **Ave, Foto: desvendando o mundo das aves através das atividades de birdwatching e fotografia.** São Paulo, SP: Axis Mundi Editora, 2016.

PISSOLATO, E; JUNIOR, R. **Saber sobre pássaros, saber com pássaros: introdução a um estudo sobre formas de interação e modos de conhecimento na experiência de pessoas guarani.** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, v. 11 n. 2 jul/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12314>. Acesso em: 26/03/2024.



REIS FILHO, O. G. **Reconfigurações do olhar**: o háptico na cultura visual contemporânea. *Visualidades*, Goiânia v. 10, n° 2, p. 75-89, jul-dez 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/26551>. Acesso em: 12/04/2024.

SUSSEKIND, F. **Onças e humanos em regimes de ecologia compartilhada**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n° 48, p. 49-73, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/horizontesantropologicos/issue/view/3619/821>. Acesso em 29/03/2024.

TSING, A. **Margens Indomáveis**: cogumelos como espécies companheiras. Tradução: Pedro Castelo Branco Silveira. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015.